

A EMANCIPAÇÃO FEMININA NA IMPRENSA CARIOCA: UMA ANÁLISE SOBRE O SEXO FEMININO E ECHO DAS DAMAS (1875-1889)

Gabriela Bernardes Andrade ²²⁷

Resumo: Na primeira metade do século XIX, emergiram no Brasil diversas figuras femininas, influenciadas por ideias europeias sobre a posição da mulher na sociedade, manifestando-se por certa igualdade entre gêneros. Nesse período, lançaram-se na tarefa de atuar na imprensa dirigindo jornais de caráter militante, em prol de melhores condições sociais e políticas para as mulheres. Este artigo analisa o processo de emancipação feminina nos jornais *O Sexo Feminino* e *Echo das Damas*, publicados entre 1875 e 1889, no Rio de Janeiro. Esses impressos foram fundados por mulheres e tinham como objetivo central a discussão da importância da educação e instrução profissional feminina no Brasil. A proposta consiste em investigar o papel desses jornais, considerando-os não apenas como fontes, mas também como objetos de estudo. Pretende-se colocar em perspectiva a multiplicidade de projetos emancipatórios das mulheres no final do século XIX, observando a imprensa como instrumento privilegiado de atuação.

Palavras-chave: Imprensa feminina; *O Sexo Feminino*; *Echo das Damas*.

FEMININE EMANCIPATION IN RIO'S PRESS: AN ANALYSIS ON O SEXO FEMININO AND ECHO DAS DAMAS (1875-1889)

Abstract: In the first half of the 19th century, a number of female figures emerged in Brazil, influenced by European ideas about women's position in society, manifested by certain equality between genders. Within this period, they threw themselves into the task of working in the press by directing newspapers of a militant nature, in favor of better social and political conditions for women. This article analyzes the process of feminine emancipation in the newspapers *O Sexo Feminino* and *Echo das Damas*, published between 1875 and 1889, in Rio de Janeiro. These printed media were founded by women and their main objective was discussing the importance of women's education and vocational qualification in Brazil. The proposal consists in

²²⁷ Graduanda em História pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e Bolsista de Iniciação Científica do PIBIC/CNPq. Desenvolvendo o projeto de pesquisa "O Sexo Feminino e o Echo das Damas: a luta pela emancipação feminina na imprensa carioca no final do século XIX", sob orientação do Prof. Dr. Denilson Botelho (UNIFESP). Parte deste estudo foi apresentada originalmente em novembro de 2018, no VI Encontro de Pesquisa na Graduação em História (EPEGH), do Programa de Educação Tutorial em História da Universidade de São Paulo (PET História-USP). Esse artigo constitui uma versão revista e ampliada do texto. (<http://lattes.cnpq.br/8363677206940472>).

Artigo recebido em 01/03/2019 e aprovado em 04/04/2019.

investigating the role of these newspapers, considering them not only as sources, but also as study objects. It is intended to put into perspective the multiplicity of women's emancipatory projects in the end of the 19th century, observing the press as a privileged means of action.

Keywords: Women's press; *O Sexo Feminino*; *Echo das Damas*.

Em virtude de uma tendência historiográfica que propõe a revisão dos papéis generalizados de atuação feminina no século XIX, notam-se esforços na tentativa de compreender as mulheres como sujeitos históricos não universais. A partir da década de 1980, no quadro de lutas pela redemocratização do país, houve expressivos desdobramentos de estudos pormenorizados sobre gênero e a condição da mulher no Brasil. Nesse momento, deu-se a chamada “segunda vertente das produções acadêmicas sobre as mulheres”, que buscou realçar um tipo de mulher que engendrou estratégias de sobrevivência à dominação masculina na sociedade²²⁸. A condição feminina no decorrer do século XIX aparece, desse modo, atrelada a uma variedade de experiências sociais e políticas, assim como a um complexo quadro sobre o papel da mulher no corpo social brasileiro.

As considerações levantadas a partir desse enfoque contribuíram para conferir visibilidade às reivindicações e à atuação das mulheres, tendo em vista as limitações jurídicas e religiosas que asseguravam os privilégios masculinos. Os estudos se estenderam no sentido de refletir sobre os lugares que esses sujeitos históricos ocuparam nos diferentes contextos e o impacto de algumas dessas iniciativas na sociedade. Desse modo, o envolvimento e a participação feminina na imprensa da época se tornaram um profícuo objeto de estudo, proporcionando a compreensão de suas experiências de vida, seus valores, suas percepções e suas funções. Com a pesquisa sobre sua

²²⁸ RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes (Org.). *Cultura histórica em debate*. São Paulo: Ed. Unesp, 1995, p. 81.

atuação na imprensa, pode-se compreender como essa atividade as afetou como sujeitos, não as isolando do cenário histórico no qual estão inseridas²²⁹.

A partir de uma conjuntura onde se produziam jornais voltados ao público feminino, com temáticas como moda, trabalhos domésticos e economia do lar, surgiram folhas semanais de cunho reivindicatório, redigidas por mulheres. Algumas delas se valeram do meio impresso como espaço de demanda, voltando seus esforços à promoção das potencialidades da mulher, seja no âmbito privado ou público, por meio da instrução profissional, moral e física. Esses impressos destoavam dos jornais correntes, voltados ao mesmo público, devido ao seu teor político de contestação e à sua curta existência.

O caráter explicitamente militante, fundamental nesses jornais femininos, era uma característica bastante presente na imprensa brasileira do oitocentos. As páginas dos impressos desse período eram marcadas pelo pensamento político e não funcionavam apenas como instrumento de reprodução de ideias já existentes, mas como um espaço de produção de noções de vertentes diversas, como o republicanismo, o abolicionismo e o absolutismo. Assim, tem-se que a imprensa periódica do século XIX era complexa e plural, articulando diferentes ideias e formas de reflexão e apontando como um agente intervém em processos políticos e sociais históricos²³⁰. A imprensa produzida por mulheres, portanto, despontou de um cenário de disputas por controle social e liberdade de ações, trazendo reflexões sobre a questão feminina daquele momento.

Do movimento de redefinição do papel feminino na sociedade brasileira na segunda metade do século XIX, observaram-se diversas iniciativas

²²⁹ HAHNER, June Edith. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 17.

²³⁰ MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 25-6.

femininas no campo de publicações jornalísticas, principalmente na edição e redação de impressos. As redatoras Francisca Senhorinha da Motta Diniz e Amélia Carolina da Silva Couto foram algumas das figuras que encararam o desafio de dirigir folhas semanais com o intuito de defender algumas ideias e discutir algumas pautas. Seus jornais, *O Sexo Feminino* e *Echo das Damas*²³¹, respectivamente, circularam na cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 1875 e 1889, com algumas descontinuidades. Segundo Maria Amélia Teles, durante o século XIX, o Brasil foi o país latino-americano onde se observou maior empenho do jornalismo feminista ²³², sobretudo nas cidades em crescimento²³³.

A primeira edição do *Echo das Damas* entrou em circulação em abril de 1879, na cidade do Rio de Janeiro, com o subtítulo “Órgão dedicado aos interesses da mulher: crítico, recreativo, científico, litterario e noticioso”. A redatora Amélia Carolina da Silva Couto e suas colaboradoras se esforçaram para manter a publicação semanal do jornal, com o objetivo de promover a emancipação intelectual e financeira da mulher. O impresso se apresentava em um formato de quatro páginas por edição, sendo a última delas voltada quase exclusivamente à divulgação e às propagandas. Nessas páginas, leem-se diversos artigos que denunciam a condição precária da mulher dentro e fora do lar e sua constante desvalorização por parte dos homens da família e dos opositores da causa do jornal. A professora Anália Franco, uma das

²³¹ As edições consultadas para esta pesquisa se encontram em BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca digital brasileira. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em: 14 jul. 2019.

²³² Ainda que o movimento feminista não tivesse se consolidado no Brasil nesse momento, impressos como *O Sexo Feminino*, *Echo das Damas* e *A Família*, entre outros, constituíram espaço crítico dos costumes da época, questionando papéis de gênero e reivindicando educação e voto para o público feminino. Entendendo o feminismo como uma luta projetada para o melhoramento das condições sociais, políticas e financeiras da mulher, é conveniente empregar esse termo para caracterizar esse tipo de jornal, por seu teor político de contestação.

²³³ TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

principais colaboradoras do *Echo das Damas*, rebateu as críticas ao jornal alegando que seria um engano supor que a ignorância e a inexperiência sustentam a virtude das mulheres, que, por sua vez, estariam relegadas a um ostracismo secular. Também se atribuiu ao impresso a função de levar a instrução e o recreio “ao albergue do pobre, e para substituir o livro que as classes menos favorecidos de fortuna não podem comprar”²³⁴.

Diversos argumentos buscavam assegurar a figura feminina como um agente civilizatório na sociedade, afirmando seu papel como esposa e mãe no seio familiar. Essa valorização da mulher na esfera doméstica nos jornais femininos foi imprescindível para que, mais tarde, fosse reivindicado o acesso à universidade, a novos espaços no mercado de trabalho e ao sufrágio feminino ²³⁵. Uma das reflexões mais enriquecedoras trazidas por Maria Fernanda Baptista Bicalho ²³⁶ sobre esses discursos contidos nos jornais feministas trata da formação de uma noção de trajetória coletiva desses sujeitos na construção de uma identidade feminina. Percebida por meio da subjetividade expressa nesses impressos, a identidade da mulher – urbana, burguesa e educada – atravessa a condição doméstica e privada e delineia-se diante do público como uma realidade. Desse modo, a autora observa que esses jornais proporcionaram condições para que as mulheres forjassem uma consciência feminina e tornassem universal a experiência compartilhada no âmbito privado, própria da condição feminina, transformando-a em discurso político.

²³⁴ FRANCO, Anália. “Educação Feminina”. *Echo das Damas: órgão dedicado aos interesses da mulher*. Rio de Janeiro, 25 de maio de 1888, p. 1.

²³⁵ HAHNER, June Edith. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 38.

²³⁶ BICALHO, Maria Fernanda Baptista. O Bello Sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do XX. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (Org.). *Rebelião e submissão: estudos sobre condição feminina*. São Paulo: Vértice, 1989, p. 80.

A folha semanal *O Sexo Feminino*, de propriedade de Francisca Senhorinha da Motta Diniz, também defendia o desenvolvimento das potencialidades da mulher no âmbito doméstico e público, bem como a reivindicação dos direitos que lhe garantissem acesso ao conhecimento. Fundado em Campanha-MG, o jornal se mudou para o Rio de Janeiro, onde passou a circular a partir de 1875. Assim como o de Amélia Couto, o impresso de Francisca Diniz apresenta um formato de 4 páginas e um pequeno grupo de colaboradoras²³⁷. Os textos em formato de folhetim sempre se mostraram presentes; em junho de 1888, na edição número 1, iniciou-se a publicação de um romance original, intitulado *A Diva Isabella*, escrito por Eliza Diniz Machado Coelho.

Nos 3 primeiros anos *O Sexo Feminino* apresentou certa regularidade em sua circulação, tendo publicado 84 edições entre Minas Gerais e Rio de Janeiro. Durante certo período, a casa tipográfica da folha foi a Lombaerts & Companhia, localizada na Rua dos Ourives, na cidade do Rio de Janeiro. Francisca Diniz se mostrou muito próxima dos proprietários da casa tipográfica, emitindo em sua folha uma nota que lamentava a morte de um deles, João Babtista Lombaerts, em 1875. Além disso, em diversos números foi oferecida a assinatura dupla com a *Revista Saison*, de Lombaerts e Filho, e divulgaram-se as diversas publicações que saíam dessa tipografia. A partir do número 12, a redação de *O Sexo Feminino* se mudou da Praça da Aclamação e passou a se localizar na mesma rua da Lombaerts & Companhia. A redatora, que trabalhava como tradutora e professora normal, chegou a publicar uma tradução intitulada *Sallas d'asylo*, de Marie Pape-Carpantier²³⁸, pela mesma casa tipográfica de seu jornal.

²³⁷ Dentre as colaboradoras de *O Sexo Feminino* se encontravam Albertina Diniz, Amélia Diniz e Eliza Diniz, filhas da redatora da folha, além de Narcisa Amália e Marcolina Higgins.

²³⁸ Marie Pape-Carpantier foi uma importante educadora e teórica francesa do século XIX que produziu uma abundante obra sobre educação infantil – crianças de 2 a 6 anos de idade – ou *salas de asilo*, como eram conhecidas na França. Sua proposta pedagógica teve por

Durante o século XIX no Brasil, a escrita ainda se mostrava um espaço a ser conquistado pelo público feminino. Alguns jornais femininos publicavam produções literárias e artigos redigidos por mulheres, com o intuito de conferir espaço e visibilidade às moças letradas e seus escritos. A partir dessa atuação, pode-se refletir sobre o perfil desses sujeitos, os espaços por eles percorridos e as redes de relações sociais. Everton Vieira Barbosa²³⁹ tratou do desenvolvimento da imprensa feminina analisando *O Jornal das Senhoras*, o primeiro editado por uma mulher no país. Lançado em 1852, o impresso também argumentou a favor da valorização da figura feminina dentro do núcleo doméstico e fora dele. O autor atentou às relações de sociabilidade que o jornal fomentou, tanto em suas páginas – no sentido de promover outras mulheres letradas – quanto no incentivo para que as mulheres adentrassem as práticas jornalísticas.

Essa perspectiva pode proporcionar novas formas de abordagem dos impressos tratados nesta pesquisa, considerando as colaboradoras e as relações de sociabilidade entre as mulheres letradas. Seria importante refletir sobre a trajetória das redatoras para, então, traçar um perfil de quem escrevia e atuava na imprensa da época. Assim, convém compreender as relações entre as colaboradoras e as editoras, bem como sua atuação em outros meios jornalísticos do final do século XIX e início do século XX.

O periódico *Echo das Damas* já apresentava um quadro de colaboradoras fixas no final da década de 1880. Nas primeiras edições,

objetivo a adoção do método intuitivo para *educação dos sentidos*, na orientação de modelos de mobílias para escolas e na criação de materiais didáticos para auxiliar no desenvolvimento do *método natural*. Seus estudos, marcados pela ideia da escola ativa, foram traduzidos em vários países, como Inglaterra, Suécia, Espanha e Brasil. Sobre a trajetória de Pape-Carpantier e sua influência no Brasil, ver BASTOS, Maria Helena Camara. *Educação Infantil e ensino intuitivo: a contribuição de Marie Pape-Carpantier (1815-1878)*. *Conjectura: Filosofia e Educação*, v. 15, n. 3, p. 14-46, 2010.

²³⁹ BARBOSA, Everton Vieira. *Páginas de sociabilidade feminina: sensibilidade musical no Rio de Janeiro oitocentista*. São Paulo: Alameda, 2018, p. 35.

notam-se textos sem assinatura ou publicados somente com as letras iniciais da autora. Tendo em vista o limitado espaço de atuação feminina na imprensa e sua exclusão dos poderes decisórios, esperava-se que as colaboradoras fossem cuidadosas. Isso mudou a partir da edição número 11, datada de 4 de janeiro de 1888, quando Amélia Couto passou a exibir no cabeçalho uma lista contendo o nome de todas as mulheres²⁴⁰ que escreviam para o jornal.

O campo profissional dessas mulheres correspondia aos interesses do jornal, principalmente se observarmos seu objetivo central: a emancipação feminina pela aquisição de conhecimento e acesso ao trabalho remunerado. Provenientes de diferentes localidades, as colaboradoras do periódico atuavam, em sua maioria, como professoras, escritoras e jornalistas. Algumas delas escreviam para outros jornais, como foi o caso de Zalina Rolim, professora e poetisa natural de Botucatu-SP, que também contribuiu para impressos como *A Mensageira*, *O Itapetininga*, *Correio Paulistano* e *A Província de São Paulo*. A intelectual realizava, ainda, traduções e produções originais de poesia, ficção e pedagogia. Rolim foi considerada uma das pioneiras em poesia infantil no Brasil, colaborando na *Revista do Jardim de Infância* e publicando obras como o *Livro das crianças*.

Outro nome relevante que figurava na colaboração do *Echo das Damas* foi a escritora baiana Ignez Sabino, intelectual que contribuiu para a história das mulheres com seu livro *Mulheres ilustres do Brasil*, publicado em 1899. Teve seus escritos veiculados em periódicos portugueses e brasileiros,

²⁴⁰ Os nomes anunciados no cabeçalho do número 11 do *Echo das Damas* são: Emiliana de Moraes, Analia Franco, Maria Zalina Rolim, Ignez Sabino, Marie Vincent, Atilia Bastos, Adelia Barros, Mathilde Macedo e Emilia Cortez. Nos demais números se verificam os nomes de Maria Amália Vaz de Carvalho, Ernestina F. Varela, Emilia S., Emilia Augusta Penedo, Maria José Canuto, Myrtis, Marie Vicent, Alzira Rodrigues e Anna A. de Menezes.

entre eles *Corymbo*²⁴¹, *A Família*²⁴² e *A Mensageira*²⁴³. Anália Franco, já mencionada, foi uma das principais figuras dessa folha, por sua proximidade de Amélia Couto. Foi educadora e poetisa, atuando em uma instituição educacional para moças na época da circulação do jornal. Publicou três romances, dentre eles *A filha adotiva*. Em 1898, anos após sua atuação na folha de Amélia Couto, fundou a revista *Álbum de Meninas*²⁴⁴, voltada ao público feminino²⁴⁵.

Em uma viagem ao interior de São Paulo, com o intuito de visitar Franco e o estabelecimento educacional que administrava, a redatora do *Echo das Damas* tratou da relação que nutria com suas colaboradoras. A visita foi noticiada no artigo “Carnet de Voyage”, na edição número 54 de seu periódico. Durante a estadia, relatou que conseguiu conquistar mais duas colaboradoras: Maria e Amélia Marcondes, ambas professoras do Internato e Externato de Taubaté-SP. De acordo com Amélia Couto, apesar das moças serem bastante jovens na época, já eram conhecidas na imprensa da cidade. Além disso, declarou que “a primeira destas moças, devo, além da acquiescência em ajudar-nos na tarefa da nossa propaganda, os esforços inhumanos e sacrificiosos que envidou afim de estender o mais possível a

²⁴¹ *Corymbo*: publicação semanal foi um periódico de Revocata H. de Mello que circulou no Rio Grande do Sul na década de 1890. O único número disponível da folha é datado de 1893.

²⁴² *A Família*: jornal litterario dedicado a educação da mãe e família, de Josephina Alvares de Azevedo, circulou entre os anos de 1888 e 1894. Em maio de 1889, o jornal se mudou de São Paulo para o Rio de Janeiro.

²⁴³ A revista *A mensageira* circulou entre os anos de 1897 e 1900 na cidade de São Paulo, dirigida por Presciana Duarte de Almeida. Esta atuou no jornal *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino* – derivado de *O Sexo Feminino* – de Francisca Senhorinha da Motta Diniz.

²⁴⁴ *Álbum das Meninas*: revista educativa e literária dedicada às jovens brasileiras circulou entre 1898 e 1901.

²⁴⁵ CHAGAS, Floriza Garcia. *Álbum das Meninas, revista literária e educativa dedicada às jovens brasileiras: estudo de um impresso de Anália Franco (1898-1901)*. 187 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2016.

circulação do *Echo das Damas* naquela cidade”²⁴⁶. Essa notícia aponta a abordagem de Amélia Couto em angariar adeptas à sua causa e indica uma teia de relações entre mulheres atuantes na imprensa feminina no último quartel do século XIX.

É possível refletir tanto sobre o perfil das colaboradoras – sua trajetória e *status* social – quanto sobre até que ponto as iniciativas das redatoras de jornais feministas se mostravam isoladas perante esse movimento de redefinição da mulher na sociedade brasileira. Ademais, é plausível dizer que não se tratavam de mulheres anônimas: publicavam seus escritos em diversos jornais, militantes ou não, tendo seus nomes divulgados na imprensa feminina do final do século XIX.

O artigo “Carnet de Voyage” também possibilita ponderar sobre a repercussão e a circulação do impresso em algumas regiões do território brasileiro. Por meio do contato com sua colaboradora no interior de São Paulo, Amélia Couto conseguiu ampliar o alcance de seu jornal para localidades fora do Rio de Janeiro. Em outro artigo, intitulado “O que dizem de nós”, da edição 55 do *Echo das Damas*, observam-se saudações de alguns jornais à redatora e suas colaboradoras pelo empreendimento. Esse texto oferece mais indícios de que a proprietária da folha viajava para outras localidades do Brasil e visitava outros jornais para divulgar sua iniciativa, realizar permutas e advogar em defesa de sua causa²⁴⁷. O *Mercantil*, por exemplo, noticiou a visita de Amélia Couto e seu empenho na divulgação de seu jornal, destacando seu talento como artista tipógrafa. A *Gazeta Mercantil*, de Santa Catarina, também publicou uma nota sobre a visita da redatora, agradecendo o exemplar que lhe deixou, destacando os três anos de

²⁴⁶ COUTO, Amélia Carolina da Silva. Carnet de Voyage. *Echo das Damas: órgão dedicado aos interesses da mulher*. Rio de Janeiro, 25 de maio de 1888, p. 2.

²⁴⁷ Sem Autoria. O que dizem de nós. *Echo das Damas: órgão dedicado aos interesses da mulher*. Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1888, p. 3.

existência do *Echo das Damas*²⁴⁸. Apesar dessas informações não garantirem a circulação do periódico em outras províncias além do Rio de Janeiro, fica evidente o esforço de Amélia Couto para divulgá-lo em diversas regiões e para se inserir em uma rede de contatos de sujeitos que atuavam na imprensa.

Esses esforços não asseguravam a perpetuação desse tipo de publicação na imprensa do final do século XIX, visto que continuavam tendo vida efêmera. Ainda que se tenha registro da circulação do *Echo das Damas* por 9 anos – de 1879 a 1888 –, a folha foi marcada por diversas descontinuidades, nem sempre explicadas ao leitor. É plausível conjecturar que a questão pode estar relacionada à escassez de recursos financeiros e até à dificuldade de aquisição de materiais necessários à confecção do jornal. Na edição número 50, de janeiro de 1888, Amélia Couto comunicou que sua folha passaria a ser publicada diariamente a partir de abril daquele ano, após ter encomendado material de Nova Iorque para confecção. O último exemplar disponível do impresso, datado de agosto de 1888, foi publicado quase 3 meses após a edição anterior, sugerindo que a redatora talvez não tenha conseguido o material necessário e descontinuou a publicação.

Tanto o *Echo das Damas* quanto *O Sexo Feminino* apresentaram interrupções na publicação de seus números e mudanças de tipografia ao longo dos anos. O impresso de Amélia Couto teve passagem por pelo menos 4 tipografias diferentes, passando a ser produzido em estabelecimento próprio, na *Typographia Echo das Damas*, na Rua do Hospício, no ano de 1880. Já *O Sexo Feminino* passaria pela *Typographia* e *Livraria Lombaerts & Companhia*, *Typographia Americana* e *Typographia Economica*. Também em relação às condições materiais de ambos, muito se aproximavam os preços

²⁴⁸ COUTO, Amélia Carolina da Silva. *Carnet de Voyage. Echo das Damas: órgão dedicado aos interesses da mulher*. Rio de Janeiro, 25 de maio de 1888, p. 2.

de assinatura na década de 1870: assinatura para a corte, semestral, de 4 mil réis (4\$000) para o *Echo das Damas* e 5 mil réis (5\$000) para *O Sexo Feminino*.

A reivindicação do acesso ao conhecimento e às instituições de Ensino Superior foi indubitavelmente a questão mais discutida entre os jornais feministas na década de 1870. Naquele momento, muito se debatia sobre projetos científicos e higienistas para a ordenação da sociedade, especialmente naquilo que tange ao papel social e ao corpo da mulher. Esse discurso médico foi abordado nos jornais femininos, que se dedicaram a discutir – ainda que de modo sutil – as consequências para a parcela feminina da população. O artigo “A mulher”, publicado no número 4 de *O Sexo Feminino*, em agosto de 1875, trata dos esforços científicos para limitar a capacidade das mulheres terem acesso à educação. O texto confrontou, portanto, as diversas tentativas – tanto de intelectuais quanto de cientistas – de estigmatizar a mulher e delinear sua função na sociedade do final do século XIX²⁴⁹. O empenho de refutar as ideias sustentadas por parte dos médicos no Brasil pode ser lido como uma resposta a esse movimento que se manifestava por meio de produções científicas e de jornais.

Em vista das intervenções e reformas no espaço urbano do Rio de Janeiro, médicos brasileiros acompanhavam os passos da medicina europeia no sentido da elaboração de um discurso sobre o sexo, “que não era unicamente o da moral, mas o da racionalidade”, marcando a construção de uma ciência sexual²⁵⁰. Ou seja, o discurso científico de parte dos médicos apelava para a incapacidade intelectual feminina e sua ineficiência para exercer carreiras como a medicina. A publicação e divulgação entusiástica nesses jornais da inserção de mulheres em faculdades induzia o debate sobre

²⁴⁹ Sem Autoria. A Mulher. *O Sexo Feminino: semanario dedicado aos interesses da mulher*. Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1875, p. 1.

²⁵⁰ ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

a temática e fortalecia a luta pela educação feminina que, em 1879, com a Lei de Reforma do Ensino Superior, constituir-se-ia como possibilidade concreta. Em 1887 se formaria a primeira mulher em medicina no Brasil²⁵¹.

Investigar essas fontes é refletir sobre as atividades dessas mulheres na imprensa brasileira e colocar em evidência as diversas ideias e os projetos para a emancipação feminina no final do século XIX. Vale ressaltar que as fontes desta pesquisa – os impressos *Echo das Damas* e *O Sexo Feminino* – não espelham o pensamento da totalidade das mulheres e escritoras da época. Esses periódicos expressam a posição e a opinião de suas proprietárias e colaboradoras, que representam apenas uma parcela daquela sociedade. Ademais, é notável que apesar dos impressos feministas do final do século XIX apresentarem reivindicações pela educação feminina, divergiam em relação aos limites de atuação da mulher no espaço público.

Sustentar esse olhar sobre os jornais de cunho emancipatório, sobretudo sobre suas propostas, possibilita o distanciamento de um quadro limitado que dispõe os jornais femininos como um conjunto uniforme. Afinal, as reivindicações pela emancipação feminina e o movimento feminista não apresentam uma linearidade nem mesmo homogeneidade: é preciso historicizar os diversos tipos de propostas e investigar como elas aparecem em cada contexto, quais são suas demandas e os públicos almejados. Isso possibilita a compreensão de uma conjuntura mais complexa e repleta de particularidades, observando as conexões entre as transformações nas relações de classe, sexo e cor, tão necessárias para entender como o poder e os papéis são distribuídos na sociedade e quais são as condições subjacentes às mudanças sociais e econômicas. Considerar essas diferentes ações em perspectiva é, portanto, desenvolver uma análise detalhada em

²⁵¹ NASCIMENTO, Cecília Vieira do; OLIVEIRA, Bernardo J. *O Sexo Feminino* em campanha pela emancipação da mulher. *Cadernos Pagu*, n. 29, p. 447, 2007.

relação aos diferentes grupos sociais e seus diversos sujeitos, aprofundando o conhecimento histórico sobre o tema e formulando uma visão multifacetada da realidade passada e presente.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Everton Vieira. *Páginas de sociabilidade feminina: sensibilidade musical no Rio de Janeiro oitocentista*. São Paulo: Alameda, 2018.
- BASTOS, Maria Helena Camara. Educação Infantil e ensino intuitivo: a contribuição de Marie Pape-Carpantier (1815-1878). *Conjectura: Filosofia e Educação*, v. 15, n. 3, p. 14-46, 2010.
- BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca digital brasileira. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em: 14 jul. 2019.
- BICALHO, Maria Fernanda Baptista. O Bello Sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do XX. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (Org.). *Rebelião e submissão: estudos sobre condição feminina*. São Paulo: Vértice, 1989. p. 79-99
- CHAGAS, Floriza Garcia. *Álbum das Meninas, revista literária e educativa dedicada às jovens brasileiras: estudo de um impresso de Anália Franco (1898-1901)*. 187 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2016.
- COUTO, Amélia Carolina da Silva. *Carnet de Voyage. Echo das Damas: orgão dedicado aos interesses da mulher*. Rio de Janeiro, 25 de maio de 1888, p. 2.
- ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- HAHNER, June Edith. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 23-43.
- NASCIMENTO, Cecília Vieira do; OLIVEIRA, Bernardo J. O Sexo Feminino em campanha pela emancipação da mulher. *Cadernos Pagu*, n. 29, p. 429-457, 2007.
- RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes (Org.). *Cultura histórica em debate*. São Paulo: Ed. Unesp, 1995. p. 81-91.
- TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1993.